



### **Circulação Comunicacional do Capital: reflexões introdutórias<sup>1</sup>** **Communication Circulation of Capital: initial issues**

Rafael Grohmann<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** circulação; capital; comunicação; epistemologia.

Um dos conceitos que consideramos centrais para a pesquisa em mediatização e para o campo da comunicação é a de circulação. Epistemologicamente, esta noção pode abarcar desde perspectivas linguístico-discursivas, como Charaudeau (2006) a partir do “discurso circulante”, passando por visadas interacionais até a já mencionada circulação midiática. Também há a abordagem dos estudos culturais, tomando a comunicação como circulação de significados, como em Silverstone (2002) ou a partir do circuito de cultura/comunicação, como em Hall (2003), DuGay, Hall et al (1997) e Johnson (1999) acerca do circuito de cultura/comunicação, como uma perspectiva para tentar compreender a totalidade do processo comunicacional, entre produção e recepção.

No Brasil, de forma panorâmica (e sem esgotar o assunto), encontramos principalmente estudos que consideram a circulação a partir da “circulação midiática” (Ferreira, 2010; Souza, 2017) e “circulação jornalística” (Zago, 2015). De forma mais sistemática, a reflexão epistemológica do conceito, em um sentido mais próximo à pesquisa em mediatização, tem sido realizada por autores como José Luiz Braga (2006)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

<sup>2</sup> Coordenador e Professor do Mestrado Profissional em Jornalismo do FIAM-FAAM - Centro Universitário e Professor Contratado da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Doutor em Ciências da Comunicação pela USP. Realiza atualmente estágio de pós-doutoramento na ECO-UFRJ, sob a supervisão do professor Muniz Sodré. rafael-ng@uol.com.br



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

e Antonio Fausto Neto (2010), a partir de vertentes construtivista e sociosemiótica, respectivamente, com ideias como “sistemas de interação” e “zonas de contato/interpenetração”. O primeiro se restringe à circulação midiática, a partir, principalmente dos discursos e das linguagens. Como afirma Fausto Neto (2010, p. 63), “o conceito de circulação foi tentativamente nomeado no final da década de 1970 ao chamar atenção para as diferenças entre as relações das gramáticas de produção e as de recepção, desenvolvidas no âmbito da comunicação midiática”. O autor propõe, então, falar em “zonas de contato” ou “zonas de interpenetração” na circulação midiática. Braga (2006), por sua vez, foca no “sistema de circulação interacional” (BRAGA, 2006, p. 28), não se restringindo, portanto, à questão midiática. Faz questão, porém, de desvincular sua noção de circulação de uma dimensão de circulação de bens e mercadorias, afastando-se, segundo suas próprias palavras, de uma perspectiva marxiana.

Contudo, há aspectos desconsiderados em suas teorizações, como a questão da financeirização e uma visão dialética que não prenda a comunicação a um “microcosmo interacional”, por exemplo. A partir desta base, o presente artigo pretende tecer algumas reflexões iniciais sobre um outro aspecto da circulação: a circulação comunicacional do capital, a partir da financeirização da comunicação (SODRÉ, 2014). Trata-se de um ponto-cego, mesmo em estudos baseados na concepção marxiana, uma articulação efetiva da circulação comunicacional com a circulação do capital, que também é, em alguma medida, comunicacional. Seria preciso retomar uma integração das dimensões econômicas e culturais da comunicação, tal qual Raymond Williams (1975; 1980), privilegiando a análise de um “modo inteiro de vida” comunicacional. No lugar de uma disputa, é preciso mobilizar os saberes tanto dos estudos culturais quanto da economia política da comunicação, considerando, deste modo, a comunicação tanto a partir de sua “base material” quanto de seu “biombo ideológico” (SODRÉ, 2014), como parte do modo de produção capitalista.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

Neste sentido, é necessário mostrar como a comunicação se relaciona com o modo de produção capitalista, de modo a ser um elemento central para seu sucesso. Segundo Sodré (2014), é um par indissolúvel: “o capitalismo financeiro é ao mesmo tempo financeiro e midiático: financeirização e mídia são as duas faces de uma mesma moeda chamada sociedade avançada” (Sodré, 2014, p. 55). Nos Grundrisse, Marx (2011) coloca os meios de transporte e comunicação como essenciais para a circulação do capital, “no duplo de sentido de que determina tanto o círculo daqueles que trocam entre si, dos que entram em contato, como a velocidade com que a matéria-prima chega aos produtores e o produto, aos consumidores” (MARX, 2011, p. 134). A comunicação, então, contribui para a aceleração da circulação do capital, diminuindo o tempo de rotação, acelerando tanto a produção quanto o consumo. Segundo Harvey (2017, p. 31), “a propensão para a aceleração do capital se relaciona com os domínios da produção e do marketing para transformar fundamentalmente os ritmos da vida cotidiana”. Desta forma, a noção de tempo se coloca como central para compreensão da circulação comunicacional do capital (WAJCMAN, 2015; ROSA, 2013). Se no volume II d’O Capital, Marx (2014) concebe a circulação do capital-dinheiro como uma forma distintiva, no volume III, verifica a existência de um “capital fictício”, um “sistema artificial”, onde a cédula bancária nada mais é do que um signo circulante de crédito (MARX, 2017). Essa “ficcionalização” do capital, “imagem de um capital não efetivamente realizado” (SODRÉ, 2014, p. 55), em alguma medida, nos ajuda a compreender a financeirização, que ocorre desde meados da década de 1970 e se intensifica a partir dos anos 2000. Do mesmo modo que a comunicação, a financeirização, de acordo com Dyer-Witheford (2015, p. 82),

*hiper-acelera essa circulação, tentando atravessar a produção e a troca e, por meio de juros, dívidas e apostas de especulação, transforma diretamente dinheiro em ainda mais dinheiro. Esses processos circulatórios tanto repercutem quanto são moldados pela composição de classes.*



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

Junto a isso, como vimos, a circulação comunicacional é imprescindível para o capital (SODRÉ, 2014), que, desta maneira, consegue fazer gestão e controle dos processos comunicacionais (também enquanto produção de sentido). Essas mudanças no processo de acumulação capitalista se refletem em mudanças em processos produtivos e comunicacionais, marcados por flexibilização e precarização do trabalho. A partir disso, surgem expressões como “economia digital” (HUWS, 2014), “capitalismo de nuvem” (COLEY; LOCKWOOD, 2012) e “capitalismo de plataforma” (SRNICEK, 2017), onde, entre outras coisas, as relações na internet “não originam apenas um tráfego de mensagens, mas principalmente de dinheiro” (SODRÉ, 2014, p. 61), como bitcoin e blockchain, e surgem formas “uberizadas” de trabalho, que, segundo Scholz (2017), podem ser digitais, mas de forma alguma são imateriais.

Nesta “financeirização da comunicação” (SODRÉ, 2014), também há um protagonismo dos dados – não enquanto autômatos ou enxergados de forma tecnodeterminista, mas enquanto parte do sistema capitalista, considerando documentação, filtragem e extração de dados. Como afirma Srnicek (2017), os dados têm cumprido funções-chave no capitalismo, tais como “formar e dar vantagens competitivas aos algoritmos, permitir a terceirização dos trabalhadores e a otimização e flexibilidade dos processos produtivos” (SRNICEK, 2017, p. 41-42), servindo, inclusive, para controlar os trabalhadores, com os dados pessoais funcionando tanto como capital fixo quanto capital circulante (FUCHS, 2017).

Neste sentido, podemos considerar também a “mídiação” com um papel central na circulação comunicacional (“veloz circulação das formas” – SODRÉ, 2014), enquanto conceito “descritivo de um processo de mudanças qualitativas em termos de configuração social por efeito da articulação da tecnologia eletrônica com a vida humana” (SODRÉ, 2014, p. 109), pensando a noção de forma crítica, como alertam Ampuja, Koivisto e Väliverronen (2014) e Rüdiger (2015).

A centralidade dos dados (datafication ou dataficação), tratada por Couldry e Hepp (2017) como um aspecto da “mídiação profunda”, pode ser pensada



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

juntamente aos conceitos de “financeirização” e “mídiação”. Os conjuntos de dados circulantes nas redes e mídias sociais são, de alguma maneira, uma dimensão comunicacional do capital atualmente (MOSCO, 2014). Neste “soft-totalitarismo numérico” (SADIN, 2016), próprio da “ideologia do Vale do Silício” (SCHRADIE, 2017), os dados, segundo Srnicek (2017, p. 41), “servem a um conjunto de funções-chave no capitalismo: educam e dão vantagem competitiva aos algoritmos; possibilitam a coordenação e terceirização dos trabalhadores; permitem a otimização e a flexibilidade dos processos produtivos”.

Desta maneira, podemos considerar financeirização, mídiação e dataficação como sínteses sociais, que, para Sohn-Rethel (1978), significa uma rede de relações pela qual as sociedades formam um todo coerente, sendo uma condição básica para a existência humana em determinada época, retendo múltiplas ligações, ou diferentes particularidades, para utilizar um termo lukácsiano (LUKÁCS, 2012). Isso significa que esses processos não são homogêneos ou únicos, mas estão sujeitos a questões como desigualdades. Andrejevic (2013), por exemplo, fala em desigualdades envolvendo a big data, e Lapavistas (2013) aborda os impactos diferentes da financeirização nos países em desenvolvimento.

Financeirização e mídiação (incluindo a dataficação), então, se colocam como parte da circulação comunicacional do capital e também impactam na produção e circulação de sentidos na comunicação, enquanto signos circulantes com determinados regimes de visibilidade pelos diferentes dispositivos comunicacionais. Signos que são circulados também como mercadorias. Conforme Rossi-Landi (1985, p. 85), “podemos perguntar-nos quais são as regularidades que regem a circulação das palavras, expressões e mensagens, começando pelos valores segundo os quais elas são consumidas e trocadas”. Signos circulantes como trabalho e mercadoria nesta dimensão comunicacional do capital, que também se coloca como lugar de circulação de lutas. Para Dyer-Witheford (2016), se por enquanto, essa circulação das lutas – marcada por inúmeras tentativas



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

*da cibernética de se reapropriar dos manifestantes, grevistas e ativistas e vários tipos ao longo do mundo, ainda não foi capaz de compilar uma força organizada capaz de mudar o equilíbrio das forças de classes, fornece algumas dicas para uma resistência proletária com muitas frentes, e está em uma tarefa que a pesquisa em comunicação precisa se aprofundar (DYER-WITHEFORD, 2016, p. 104).*

Trata-se, pois, de um circuito de cultura (DUGAY, HALL ET AL, 1997), trabalho (QIU, GREGG E CRAWFORD, 2014) e capital (DYER-WITHEFORD, 1999), que propicia as vias para uma circulação das lutas – sociais e comunicacionais, enquanto circuitos de acumulação e resistência, isto é, conflitos e disputas presentes nos processos comunicacionais em circulação. Neste sentido, na pesquisa em comunicação e, especialmente, mediatização, pode ser útil teorizar sobre circulação para além de sua dimensão de produção de sentido, acerca da circulação comunicacional do capital em contexto de financeirização e mediatização.

### **Referências bibliográficas**

AMPUJA, Marko; KOIVISTO, Juha; VÄLIVERRONEN, Esa. Strong and Weak Forms of Mediatization Theory: a critical review. **Nordicon Review**. N. 35, 2014, p. 111-123.

ANDREJEVIC, Mark. **Infoglut**: how too much information is changing the way we think and know. London: Routledge, 2013.

BRAGA, José Luiz. **A Sociedade Enfrenta sua Mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

COLEY, Rob; LOCKWOOD, Dean. **Cloud Time**: the inception of the future. Ropley: Zero, 2012.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **The Mediated Construction of Reality**. London: Polity Press, 2017.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

DU GAY, Paul; HALL, Stuart et al. **Doing Cultural Studies: the story of the Sony Walkman**. London: The Open University/ Sage, 1997.

DYER-WITHEFORD, Nick. **Cyber-Marx: cycles and circuits of struggle in high-technology capital**. Chicago: University of Illinois Press, 1999.

DYER-WITHEFORD, Nick. **Cyber-Proletariat: global labour in the digital vortex**. London: Pluto Press, 2015.

DYER-WITHEFORD, Nick. Ciberproletariado, ciclos de lutas e mídias digitais. Entrevista concedida a Rafael Grohmann. **Revista Parágrafo**. V. 4, n. 1, 2016, p. 99-105.

FAUSTO NETO, Antonio. As bordas da circulação. **Alceu: revista de Comunicação, Cultura e Política**, n. 20, v. 10, jan/jun 2010.

FERREIRA, Jairo. Dos objetos separados à circulação midiática como questão comunicacional. In: FAUSTO NETO, Antonio; BRAGA, José Luiz; GOMES, Pedro Gilberto (org.). **Mediatização e processos sociais: aspectos metodológicos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

FUCHS, Christian. **Social Media: a critical introduction**. 2a. Edição. London: Routledge, 2017.

HALL, Stuart. Codificação/ Decodificação. In: **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003, p. 365-384.

HARVEY, David. **Marx, Capital and the Madness of Economic Reason**. London: Profile Books, 2017.

HUWS, Ursula. **Labor in the Global Digital Economy: the cybertariat comes of age**. New York: Monthly Review Press, 2014.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? In: SILVA, Tomas Tadeu da (org.) **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LAPAVITSAS, Costas. **Profiting without producing: how finance exploits us all**. New York: Verso, 2013.

MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.





## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política – Livro II: o processo de circulação do capital.** São Paulo: Boitempo, 2014.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política – Livro III.** São Paulo: Boitempo, 2017.

MOSCO, Vincent. **To The Cloud: Big Data in a Turbulent World.** London: Paradigm Publishers, 2015.

QIU, Jack; GREGG, Melisa; CRAWFORD, Kate. Circuits of Labour: A Labour Theory of the iPhone Era. **TripleC.** V. 12, N. 2, 2014.

ROSA, Hartmut. **Social Acceleration: a new theory of modernity.** New York: Columbia University Press, 2013.

ROSSI-LANDI, Ferruccio. **A Linguagem como Trabalho e como Mercado: uma teoria da produção e da alienação linguísticas.** São Paulo: Difel, 1985.

RÜDIGER, Francisco. Os estudos de mídia e a problemática epistemológica da teoria da mediatização: uma nova escolástica. **Revista Intexto.** N. 34, p. 745-769, set/dez. 2015.

SADIN, Eric. **La Silocolonisation du Monde: l'irrésistible expansion du libéralisme numérique.** Paris: Éditions L'Échappé, 2016.

SCHOLZ, Trebor. **Uberworked and Underpaid: how workers are disrupting the digital economy.** London: Polity, 2016.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. **A Ciência do Comum: notas para o método comunicacional.** Petrópolis: Vozes, 2014.

SOHN-RETHEL, Alfred. **Intellectual and Manual Labor: a critique of epistemology.** New Jersey: Humanities Press, 1978.

SOUZA, Livia Silva. **A circulação midiática na base da vida material: do consumo de marcação à marcação do consumo.** Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2016.

SCHRADIE, Jen. Ideologia do Vale do Silício e desigualdades de classe: um imposto virtual em relação à política digital. **Revista Parágrafo.** V. 5, n. 1, 2017.





## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

---

SRNICEK, Nick. **Plataform Capitalism**. London: Polity, 2017.

WAJCMAN, Judy. **Pressed for Time**: the acceleration of life in digital capitalism. Chicago: University of Chicago Press, 2015.

WILLIAMS, Raymond. **Television**: technology and cultural form. New York: Schocken Books, 1975.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y Literatura**. Barcelona: Península, 1980.

ZAGO, Gabriela. Circulação jornalística potencializada: o Twitter como espaço para filtro e comentário de notícias por interagentes. **Comunicação & Sociedade**. V. 34, n. 1, 2012.